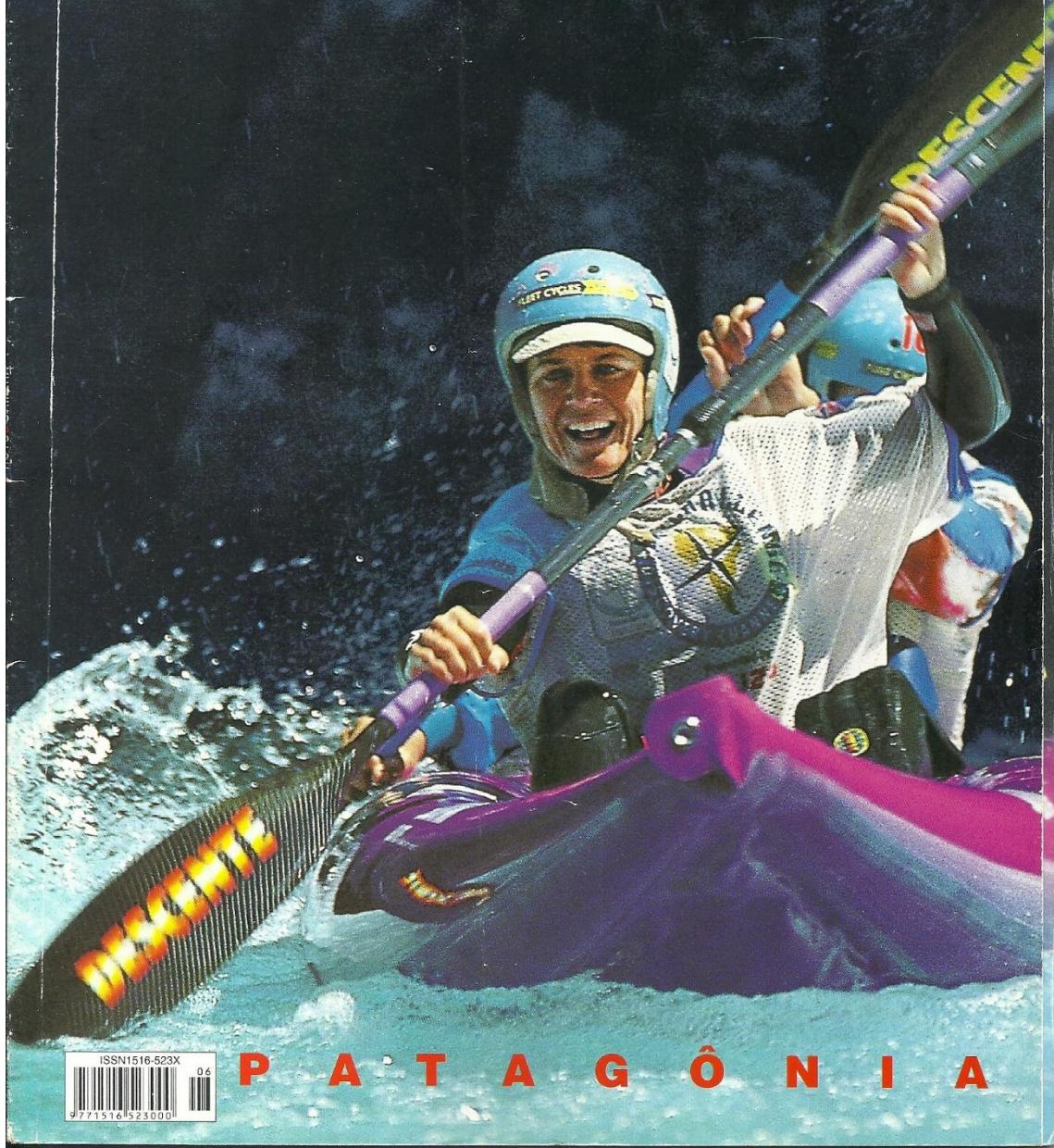


Photo&Camera

EXPLORER MAGAZINE

Nº 06 - ANO 1 - R\$ 10,00



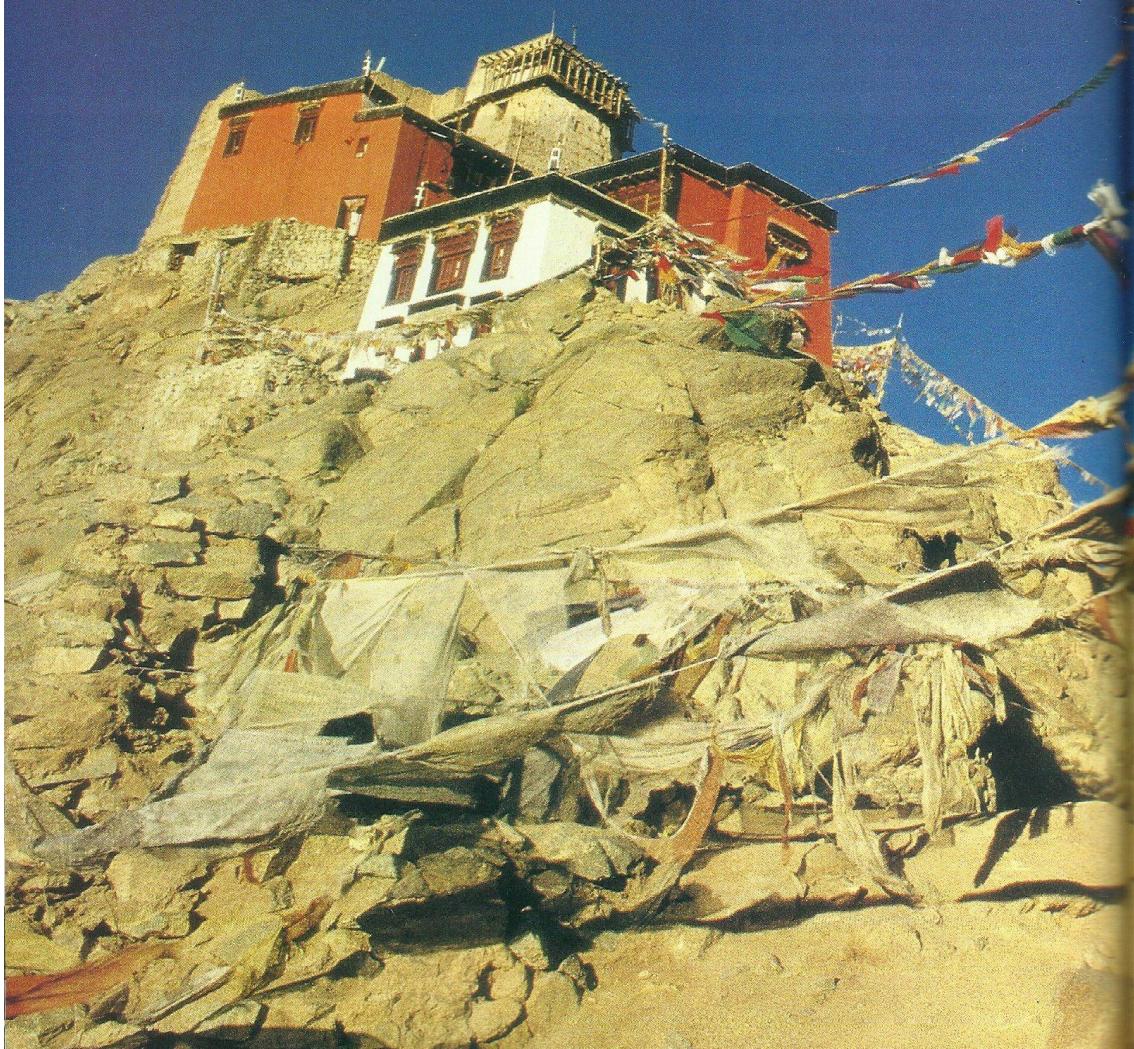
ISSN1516-523X
9771516523000

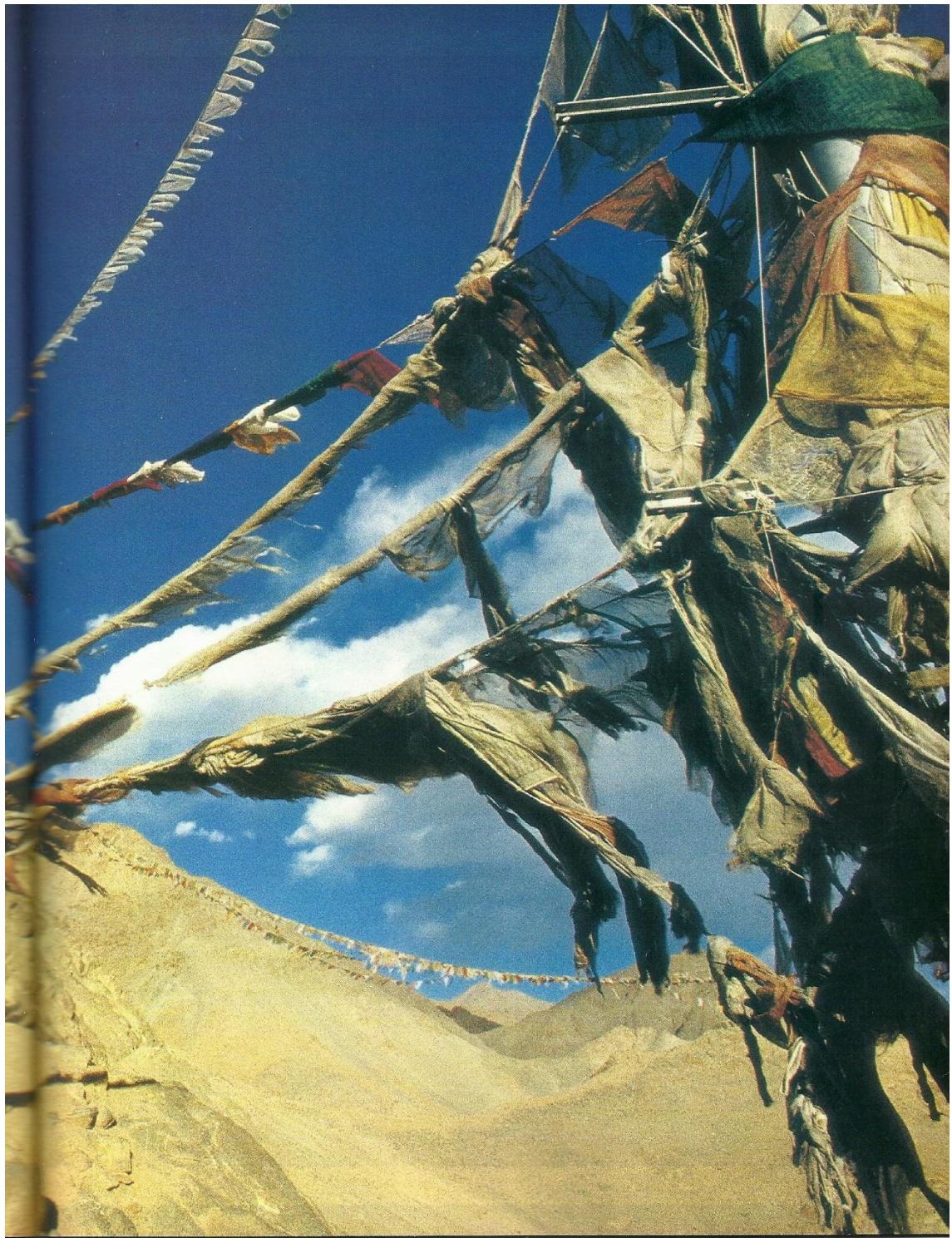
P A T A G Ó N I A

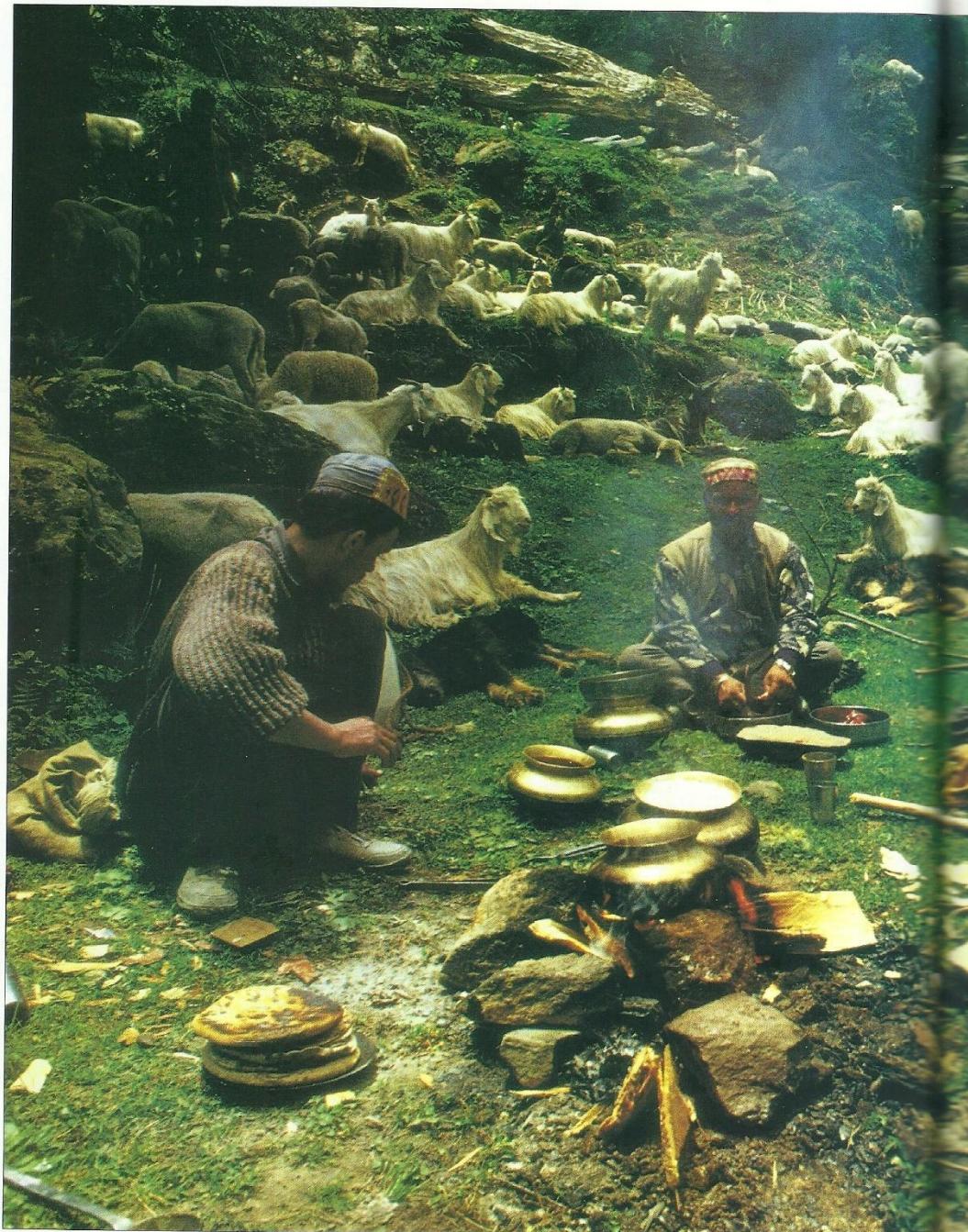
AVVENTURAS À LUZ DO HIMALAIA

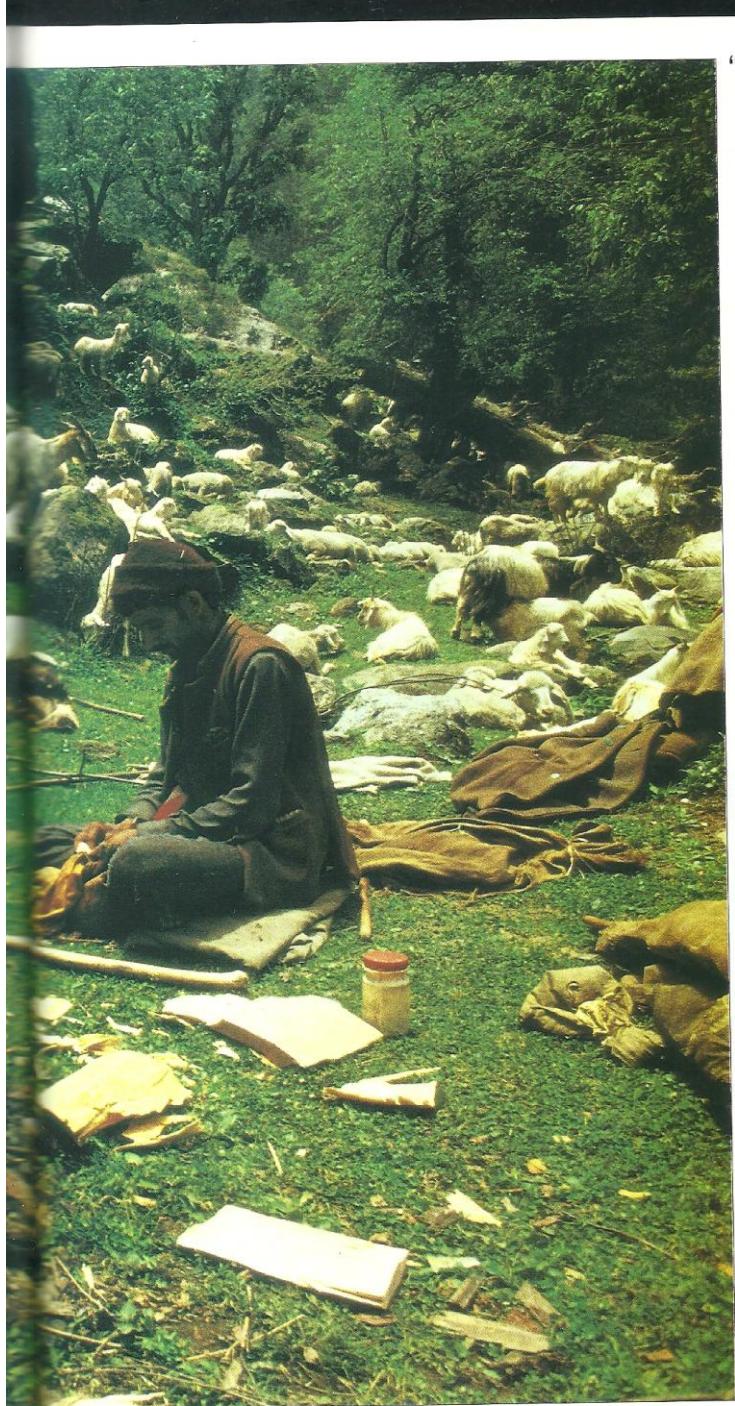
A beleza e o exotismo da Índia fizeram a fotógrafa Rosa Berardo enfrentar qualquer dificuldade para conseguir uma boa imagem. Em busca do inusitado da cultura tibetana, Rosa captou e mostra agora lindas imagens que provam que as diferenças de etnias, religiões e cultura, fazem de nós seres muito especiais.

Texto e Fotos: Rosa Berardo









PHOTOS CAMERA Nº 06

Viajar sozinha pela Índia é uma aventura um tanto complicada para uma mulher ocidental. O papel da mulher na sociedade hindu é bastante submisso e os homens não estão acostumados a ver aventureiras desbravando cidades e montanhas. A interpretação que estes fazem deste ato de liberdade é baseada em seus valores culturais, o que os leva a assediar freqüentemente as turistas estrangeiras, dificultando muito a estadia em certas regiões do país.

Minha ida ao Ladak foi fruto desta curiosidade e imensa vontade de conhecer, monges, monastérios, enfim, ver de perto o Himalaia e seus tipos humanos.

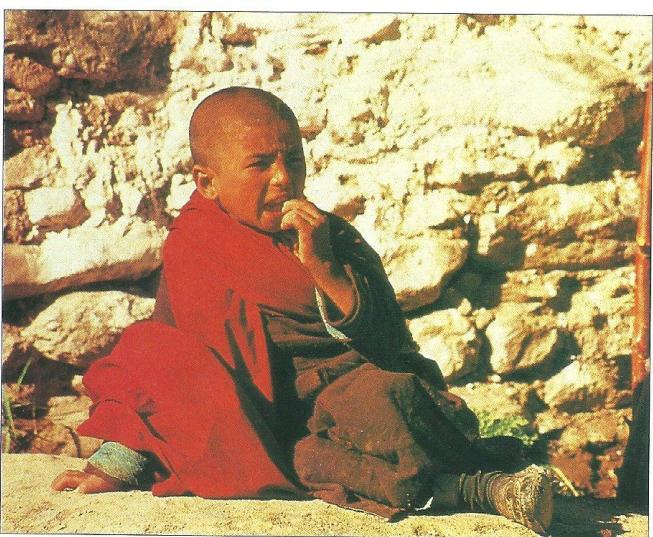
Esta região da Índia está situada geograficamente no Tibet e é também chamada de "Pequeno Tibet", pois sua população é formada por tibetanos. Muitos deles são refugiados que conseguiram escapar após a invasão chinesa. A religião predominante é o budismo tântrico tibetano e nesta região encontramos os maiores monastérios da Índia.

A capital do Ladak se chama LEH e está localizada a 3500mts de altitude, num alto platô do Himalaia. O acesso a esta região só é possível durante 3 meses por ano, quando as neves se degelam e as estradas ficam desobstruídas. Somente de junho a setembro a rodovia que liga o Ladak ao Kashmir é transitável. É a mais alta rodovia do mundo, chegando em alguns trechos a 5 mil metros de altitude. Apenas na metade dos anos 70 é que a presença de turistas começou a ser autorizada e os vôos começaram em 1979.

Decidi ir de avião para sobrevoar as cadeias montanhosas do Himalaia. O vôo é um espetáculo fantástico onde se pode apreciar montanhas geladas, lagos e a grandiosidade da natureza. Nem sempre os aviões podem decolar, nosso vôo foi adiado devido a uma mudança brusca no tempo e só é possível sair quando a previsão é de tempo bom. Esta região é muito seca, nunca chove, pois poucas nuvens conseguem vencer a barreira das altas montanhas. A única água que abastece os habitantes e as plantações vem do degelo das neves.

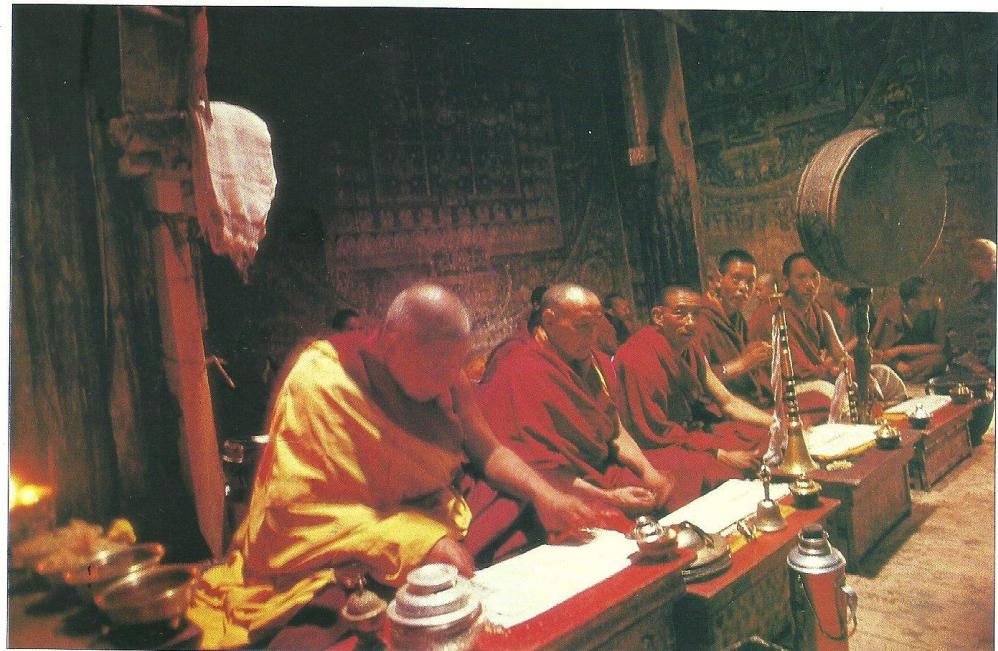
Para andar ao redor de Leh o transporte é precário e às vezes inexistente. Existem vários monastérios na região e um ônibus por semana para te levar

até lá. O jeito é ir à pé, esvaziar as mochilas de roupas deixando apenas uma troca e o sleeping-bag, pois o equipamento fotográfico já é bastante pesado. Levava sempre comigo minha F4 com uma lente grande angular 24mm, uma zoom 70-210mm e uma tele 300mm, num total de uns 6 kg de equipamento e vários filmes. O ar rarefeito de oxigênio devido a altitude dificulta as caminhadas e até que o organismo se adapte, a cada 5 passos o coração parece sair pela boca. Saí para visitar alguns Mosteiros e durante os dias de percurso a amabilidade dos camponeses me deixava perplexa. Durante as caminhadas a única maneira de se comunicar era através de gestos, pois eles não falavam inglês e eu não conhecia a língua local. Não há onde conseguir comida na região, nem bares ou restaurantes. É preciso levar água e algo para comer, mas às vezes as provisões acabam e a fome nos leva a fazer amizade rapidamente. Um dia uma mulher que trabalhava no campo e viu-me passar fez gestos me chamando para entrar em sua casa e levou-me até a cozinha onde havia muitas panelas de cobre dependuradas na parede. Este é um símbolo



de riqueza na região. Fez-me sentar em um pequeno banco de madeira e trouxe-me coalhada de leite de Yak, pão de centeio e uma bebida fermentada desse grão. A bebida e a coalhada eram muito ácidas mas foi muito bom poder ter um contato mais próximo com os ha-

bitantes e também matar a fome que já me enfraquecia. Durante os dois meses de caminhadas na Índia eu perdi 10 quilos. O tempero das comidas é muito bom, mas causa uma irritação gastrintestinal na maioria dos visitantes estrangeiros.





PHOTO&CAMERA N° 06

Nem sempre as camponesas autorizavam as fotos e logo aprendi uma técnica que me aproximava mais facilmente: pedia a elas, através de gestos, que me fotografasse. Colocava minha câmera ao redor do pescoço cheio de colares das mulheres, mostrava o botão do clique e perdia uma ou duas chapas para poder depois fazer minhas fotos. Funcionava bem e nos divertíamos bastante.

Mas se por um lado as pessoas do campo são receptivas, por outro é muito complicado quando se precisa pedir carona aos poucos caminhões que passam uma ou duas vezes por dia nas estradas. Geralmente são veículos militares com soldados de outras regiões da Índia ou então motoristas que transportam os "bóia-frias" de lá. Os militares não respeitam estrangeiras e nunca se sabe se é mais perigoso entrar com eles no caminhão ou passar a noite

no sleeping-bag na montanha.

O visual dos Monastérios compensa toda a odisséia para se chegar até lá. A atmosfera espiritual é muito envolvente, mas já é quebrada pela mendicância dos pequenos monges que pedem dinheiro aos visitantes. A iluminação interna das salas de oração ou outros aposentos é bastante escura e só é quebrada por faixas de luz que invadem janelas e alcapões. Não se pode usar o flash, pois as pinturas nas paredes são centenárias e se deterioram com excessivos disparos. Durante as cerimônias eu colocava a câmera em B ou velocidade 8 apoiada em algum banquinho para poder fotografar. Mais difícil que não incomodar as cerimônias com os cliques já silenciados da F4 era tomar o chá Tibetano que é feito com água quente, manteiga de Yake derretida e sal. Os monges, gentilmente, nos enchem a xícara seguidas vezes...

Pude ver de perto como é feita a irrigação nesta terra árida, também chamada de "moonland", pois a paisagem às vezes é quase lunar. O sistema é manual, com uma pequena enxada vai-se fazendo sulcos na terra, como labirintos que adentram o terreno plantado e levam a água até as sementes. Nos dez quilômetros de caminhadas diárias que fazia era possível fotografar os camponeses arando a terra com a ajuda do ZOO, um boi que é fruto do cruzamento do Yake com vacas. Ao homem cabe tocar o arado e à mulher jogar a semente no solo. Eles vão trabalhando e cantando músicas em homenagem à terra, ao sol, à semente e ao zool, como num ritual cujo objetivo é obter uma boa colheita de grãos que os abastecerá durante os nove meses de rigoroso inverno. Os grãos de centeio colhidos são torrados e armazenados e tornam-se a base da alimentação lo-





cal.. Pães, farinhas, bebidas etc. Ná-
bos e carne de carneiro complemen-
tam a dieta . Nos campos que cru-
zava pelo caminho encontrava mu-
lheres colhendo flores de mostarda,

amarelas e com sabor de brócolis.
Era bom poder comer algumas delas
depois de tanto andar. Pastores
também são comuns na região e
acampam com suas ovelhas criando

um cenário quase bíblico.

A imensidão dos vales é quebrada
pelas pequenas gompas, construções
erigidas em homenagem à Buda.
Quando nos encontramos no Him-
alaia temos duas sensações diferentes,
de estarmos não só no fim do mun-
do, mas também no topo dele. O
peso dos equipamentos é aliviado
pela leveza da alma, pelo prazer e
privilegio de conhecer um povo tão
diferente, que sem o registro da câ-
mera seria impossível de descrever.
Deixamos pegadas e calorias pelas tri-
lhas e em troca trazemos momentos
sublimes de interação cultural, peda-
ços exóticos do mundo que no papel
fotográfico podemos colecionar.

ROSA BERARDO
Mestre em Fotografia pela USP
e Sorbonne
Prof.a de Fotografia da UFG
berardo@cultura.com.br

